

# Magazín Ruralidades y Territorialidades

---

Volume 1  
Number 7 *Territorio y ruralidad en el marco del  
enfoque territorial*

Article 9

---

2021-10-26

## Expressões territoriais da agroecologia

Edgar Aparecido da Costa

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do Pantanal (NEAP)*

Follow this and additional works at: <https://ciencia.lasalle.edu.co/mrt>

---

### Citación recomendada

Aparecido da Costa, Edgar (2021) "Expressões territoriais da agroecologia," *Magazín Ruralidades y Territorialidades*: No. 7 , Article 9.

Disponibile en:

This Artículo de divulgación is brought to you for free and open access by the Revistas de divulgación at Ciencia Unisalle. It has been accepted for inclusion in Magazín Ruralidades y Territorialidades by an authorized editor of Ciencia Unisalle. For more information, please contact [ciencia@lasalle.edu.co](mailto:ciencia@lasalle.edu.co).

## EXPRESSÕES TERRITORIAIS DA AGROECOLOGIA



**Edgar Aparecido da Costa**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil  
Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção  
Orgânica do Pantanal (NEAP)

Foto de Paula A. Forigua Diaz

Para compreender a agroecologia é preciso considerá-la enquanto ciência, prática e movimento social. Em alguns países, nesse principiar do século XXI, o termo passou a integrar políticas de governo, conteúdos transversais em escolas, disciplinas acadêmicas e até mesmo a configurar profissões (“técnico em agroecologia”, por exemplo). Para algumas famílias, ela representa uma filosofia, um modo de vida. Sua expressão territorial se dá nas práticas agrícolas e na difusão dos seus conceitos, dos seus princípios e da sua filosofia pelos movimentos sociais. No caso brasileiro, sobretudo, pelos Núcleos de Estudos em Agroecologia e

Produção Orgânica (NEAs). Essas ações têm suas bases nos saberes científicos e tradicionais, consorciados de maneira sinérgica.

É correto dizer que as práticas agroecológicas nem sempre são produtos das Ciências, mas seu conhecimento é por elas apropriado e adaptado. Muitas vezes, são saberes ancestrais, frutos da relação dos grupos humanos com a natureza. As tentativas (com erros e acertos) induziram algumas populações tradicionais com vocações agrícolas a encontrarem o meio adequado de produzir. Cabe lembrar que essas populações não dispunham de

agroquímicos, sementes geneticamente modificadas em laborat3rios e, tampouco, equipamentos e maquinários agrícolas. A t3cnica de cultivo precisava promover uma rela33o harmoniosa com a natureza para inibir o aparecimento das pragas (plantas invasoras) e prolifera33o de insetos nocivos nas suas lavouras.

Essas express3es territoriais n3o eram conhecidas como agroecol3gicas pelos seus promotores, mas como uma t3cnica para harmoniza33o das culturas com o meio natural para garantir a alimenta33o do grupo humano. A compreens3o dos seus procedimentos e do funcionamento dos sistemas agroflorestais, cujas t3cnicas foram passadas de gera33o para gera33o, permitiram seu reconhecimento e apropria33o pela agroecologia, enquanto ci3ncia.

Algumas dessas pr3ticas quase foram esquecidas. Permaneceram, t3o somente, nas mem3rias dos anci3es e precisaram ser resgatadas. Exemplo disso s3o as t3cnicas de cultivo de arroz e feij3o utilizadas pelo povo Terena, na por33o Centro-Occidental do estado de Mato Grosso do Sul, na regi3o Centro-Oeste do Brasil. A forma33o acad3mica de alguns jovens indígenas estimulou reflex3es sobre as pr3ticas ancestrais de seu povo e sobre os impactos da ado33o do pacote tecnol3gico da Revolu33o Verde. A universidade, enquanto institui33o de ensino, pesquisa e extens3o, teve o papel de tensionar a realidade que estava sendo vivida pelos Terena.

As Terras Indígenas Buriti, de Miranda e de Nioaque s3o exemplos de ado33o da moderniza33o agrícola, com recebimento de doa33es de patrulhas agrícolas (tratores, grades, arados, ro3adeiras) e de acompanhamento dos 3rg3os de extens3o rural governamentais. Com o tempo, perceberam que as frutas silvestres (guavira, araq3, goiaba, marmelo) coletadas sazonalmente para alimenta33o e venda, desapareceram das matas. A presen3a cada vez maior de plantas invasoras e insetos, aliada ao

empobrecimento dos solos, inviabilizaram economicamente as lavouras Terena. O resgate das antigas t3cnicas trouxe, para o presente, um arsenal de conhecimentos do passado, que s3o pr3prios da agroecologia e que refor3am a necessidade de respeito aos saberes tradicionais. Este 3 apenas um dentre tantos exemplos de aprendizado junto a popula33es tradicionais.

Outra express3o territorial da agroecologia se d3 atrav3s dos movimentos sociais, que se manifestam em distintos formatos: redes de organiza33es, organismos nacionais e supranacionais, institui33es governamentais em variadas escalas de atua33o, organiza33es n3o governamentais (ONGs), f3runs, associa33es, grupos de pesquisas, n3cleos de agroecologia, dentre outros.

Dentre as redes e organiza33es internacionais que atuam em prol da agroecologia ou em suas bases, para citar apenas alguns, destaca-se: *Food For the Cities Initiative*, *Sustainable Public Procurement Initiative*, *IPES Food*, *FAO Agroecology*, *Red Internacional Urgenci*, *Fundaci3n RUAE*, *Hands on the Land e Via Campesina*. Na escala continental, em territ3rios europeus, atua a *Eurocities Work Group Food*. Na escala nacional e local existem inúmeras iniciativas, e seria impossível dar conta de todas.

No Brasil, o Minist3rio da Agricultura, Pecu3ria e Abastecimento (MAPA) reconhece, oficialmente em seu Portal de Agroecologia, 24 redes e 100 N3cleos de Estudos em Agroecologia e Produ33o Org3nica (NEAs). Os NEAs est3o, em sua maioria, alojados nas universidades e nos institutos federais. S3o formados por professores, estudantes, agricultores, pesquisadores e, enfim, pessoas interessadas na agroecologia e na seguran3a alimentar. S3o respons3veis por estimular e introduzir pr3ticas agroecol3gicas junto a fam3lias camponesas, pela divulga33o dos princ3pios da agroecologia atrav3s das redes sociais, organiza33o de eventos, palestras



e materiais didáticos. Também, são produtores de reflexões que atualizam os debates conceituais do pensamento científico sobre agroecologia.

É neste contexto que se insere o Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica do Pantanal (NEAP), com sede na cidade de Corumbá, localizado na porção Ocidental do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com a Bolívia. O NEAP iniciou uma experiência com introdução da produção de hortaliças em bases agroecológicas no ano de 2011 com um grupo de camponeses num assentamento rural localizado a 15 km da área urbana de Corumbá (Brasil). Em 2015, a experiência levou à criação de um coletivo informal, composto por oito famílias camponesas, denominado Grupo Bem-Estar, com o objetivo de fazer a transição agroecológica para a produção orgânica, inicialmente considerando a venda direta e, posteriormente, a certificação participativa.

Em maio de 2016 foi criada a primeira feira de produtos em transição agroecológica institucional – no pátio do campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e, em novembro do mesmo ano outra na Embrapa Pantanal (instituição federal de pesquisa). Em 2018, uma nova feira foi inaugurada nos corredores do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), também em Corumbá. As feiras agroecológicas são expressões territoriais da agroecologia. No âmbito das universidades, quase sempre, estão ancoradas em projetos de extensão. São abertas ao público em geral e atendem uma demanda por aquisição de alimentos saudáveis pela população urbana. São espaços de interações sociais e comerciais, de relacionamentos de amizade e confiança, de reconhecimento das famílias camponesas e da pesquisa e extensão universitária.

No final de 2019, o Grupo Bem-Estar iniciou a caminhada para a produção orgânica pela venda

direta, sem necessidade de selo, conforme previsto na legislação brasileira. Contudo, o processo estacionou em razão da pandemia da covid-19. As feiras foram fechadas por conta dos protocolos de biossegurança. Uma nova territorialidade foi elaborada com apoio do NEAP que propôs a venda através de Sacolões Agroecológicos Solidários e ficou responsável pela divulgação, sistematização dos pedidos, fechamento das planilhas de venda e apoio na logística das entregas de casa em casa (sistema delivery). A partir da capacitação e transferência de conhecimentos, as famílias camponesas se empoderaram e passaram a realizar as vendas nesse sistema, sem a intermediação do NEAP, desde fevereiro de 2021.

Cabe esclarecer que os padrões internacionais de certificação são estabelecidos pela IFOAM (International Federation of Organic Agriculture Movements) e cada país associado deve constituir normas em acordo com as proposições desse organismo. No Brasil, a Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003 é quem trata das diretrizes da

Foto de Paula A. Forigua Díaz



agricultura org4nica (Brasil, 2003), regulamentada pelo Decreto N3 6.323, de 27 de dezembro de 2007 (Brasil, 2007). S3o previstas tr3s formas de certifica33o: por Auditoria (selo concedido por um organismo certificador credenciado no MAPA), por Sistema Participativo de Garantia (atrav3s de um Organismo Participativo de Avalia33o da Conformidade credenciado pelo MAPA) e por Controle Social na Venda Direta (atrav3s de uma Organiza33o de Controle Social, igualmente registrada no MAPA).



Agroecologia n3o 3 a mesma coisa que produ33o org4nica certificada. Para essa, s3o necess3rios cumprimentos de uma s3rie de protocolos, como as anota33es das entradas e sa3das de tudo que 3 adquirido na propriedade. 3 preciso rigor na anota33o dos dias de plantio, das t3cnicas e instrumentos de manejo, das quantidades colhidas e sua destina33o (consumo e comercializa33o), origem das sementes e adubos, dentre tantas outras. S3o atividades que n3o fazem parte do cotidiano das fam3lias camponesas e isso tem se mostrado um importante limitante para obten33o do selo org4nico. De todo modo, a certifica33o org4nica 3 uma assinatura de confian3a para os consumidores distantes. Defende-se, aqui, que o consumidor deve conhecer a fam3lia de quem compra alimentos, principalmente as hortali3as.

Em resumo, mesmo sob influ3ncia de pensamentos, pr3ticas e articula33es com localidades distantes a express3o da agroecologia 3 fortemente marcada pelo entrela3amento de saberes locais e viv3ncias do e no territ3rio. Incluem suas normativas, cren3as, tecnologia dispon3vel, pertencimento e seus fazeres. Esse arranjo territorial cria um mil3u particular daquela localidade. 3 por isso que cada experi3ncia se (i)materializa, no seu tempo, de uma forma diferente em cada territ3rio.

## Refer3ncias

- Brasil (Dezembro 27, 2007). Decreto N3 6323 de 2007. *Bras3lia: Di3rio Oficial da Uni3o, 2007. Se33o 1, P3ginas 2 a 8.* [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6323.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6323.htm)
- Brasil (Dezembro 23, 2003). Lei N3 10.831 de 2003. *Bras3lia: Di3rio Oficial da Uni3o, 2003, Se33o 1, P3gina 8.* [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.831.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.831.htm)